

## **A constituição do sujeito na pós-modernidade e o consumismo**

### **Raquel Horta Fialho do Amaral Cougo**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, especialista em Psicanálise e Laço Social também por essa instituição. Mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio.

Endereço: Rua Eliseu Guilherme, 267, sala 7. Centro, Ribeirão Preto – SP. CEP: 14025-020.

Email: fialho.raquel@hotmail.com

### **Leda Verdiani Tfouni**

Graduada em Letras Anglo Germânicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, é Master Of Arts In Language Acquisition - University of California, doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e livre-docente e associada pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Titular do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP de Ribeirão Preto, pesquisadora do CNPq e coordenadora do Grupo de pesquisa “Análise do discurso e suas interfaces”.

### **Resumo**

*O texto visa estabelecer relações entre o consumismo e as mudanças ocorridas no processo de constituição do sujeito na pós-modernidade. Para tanto, discorrerei sobre o discurso do capitalista, localizando em sua estrutura lógica um convite à felicidade plena via aquisição de mercadorias. Veremos que será agregando um valor, um mais-de-gozar, nas palavras de Lacan, aos objetos de consumo*

*e os elevando ao status de objeto a, que o discurso do capitalista faz escoar a sua produção. Nossas observações sobre o discurso do capitalista no levarão até um questionamento acerca dos motivos que proporcionam uma aderência significativa à proposta desse discurso em nossa cultura. Para fundamentar uma resposta a essa pergunta, destacarei na obra de Lacan a noção de sujeito da psicanálise sublinhando a importância de um ponto impossível – a castração - para a sua estruturação. Ponderarei sobre o destino que o discurso da ciência reserva a este impossível tal como ele é concebido pela psicanálise, chegando até a noção de forclusão do sujeito. O texto aborda ainda o advento do discurso científico na contemporaneidade, bem como os efeitos da sua incidência na constituição dos sujeitos fazendo ver que estes se referem a uma remoção dos limites, numa lógica ilimitada e, portanto, distinta da castração. O trabalho se encerra com a observação de que os sujeitos na pós-modernidade tenderão a se dirigir a promessas de satisfação mais intensas e ininterruptas, o que justificaria o sucesso do convite do discurso do capitalista ao acesso imediato à felicidade.*

*Palavras-chave: Sujeito, discurso da ciência, capitalismo, consumismo, ilimitado.*

## **Abstract**

*This article aims to establish relations between consumerism and the changes observed in the process of the subject's constitution in postmodernity. We will tackle the capitalist discourse, pointing to the presence, within its logical structure, of an invitation to complete happiness through the acquisition of goods. We should see how these goods have aggregated some value, a surplus-enjoyment, in Lacan's words, and how capitalism gives destination to its production by elevating these goods to the status of object a. Our observations about the capitalist's discourse should lead us to questioning the reasons why such discourse has such a significant adherence to our present culture. In fundamenting a possible answer, we will highlight Lacan's concept of subject, underlining the relevance of castration - a locus of impossibility - for its structuring. We should also see how contemporary science*

*reserves to this psychoanalytical locus of impossibility the process of forclusion, based on ablation of limits, an operation contrariwise to castration. The article concludes with observations on the tendency of the postmodern subject to strive towards promises of intense and uninterrupted satisfaction, which could explain the present success of capitalism's discourse invitation for imediate happiness.*

*Key-words: Subject, science discourse, capitalism, consumerism and unlimited.*

## **Resumen**

*El texto tiene como objetivo establecer relaciones entre el consumismo y los cambios ocurridos en el proceso de constitución del sujeto en la postmodernidad. Para eso, discurriré sobre el discurso del capitalista, ubicando en su estructura lógica una invitación a la felicidad plena a través de la adquisición de mercaderías. Veremos que será agregado un valor, un más de gozar, en palabras de Lacan, a los objetos de consumo y elevándolos al status de objeto a, que el discurso del capitalista hace escurrir su producción. Nuestras observaciones sobre el discurso del capitalista nos llevarán hasta un cuestionamiento acerca de los motivos que proporcionan una adherencia significativa a la propuesta de ese discurso en nuestra cultura. Para fundamentar una respuesta a esa pregunta, destacaré en la obra de Lacan la noción de sujeto del psicoanálisis subrayando la importancia de un punto imposible - la castración - para su estructuración. Ponderaré sobre el destino que el discurso de la ciencia reserva a este imposible tal como él es concebido por el psicoanálisis llegando hasta la noción de forclusión del sujeto. El texto aborda además el advenimiento del discurso científico en la contemporaneidad, así como los efectos de su incidencia en la constitución de los sujetos haciendo ver que estos se refieren a una remoción de los límites, en una lógica ilimitada y, por lo tanto, distinta de la castración. El trabajo termina con la observación de que los sujetos en la postmodernidad tenderán a dirigirse a promesas de satisfacción más intensas e ininterrumpidas, lo que justificaría el éxito de la invitación del discurso del capitalista al acceso inmediato a la felicidad.*

*Palabras clave: Sujeto, discurso científico, capitalismo, consumismo, ilimitado.*

## **Résumé**

*Ce texte vise à établir des relations entre le consumérisme et des changements dans le processus de constitution du sujet dans la postmodernité. Pour cela, je disserte sur le discours du capitaliste, en localisant dans sa structure logique une invitation au bonheur plein par l'acquisition de marchandise. On verra que par l'agrégation d'une valeur, un plus-de-jouir, comme Lacan l'appelle, aux objets de consommation et en leur élevant au statu d'objet a, que le discours du capitaliste fait écouler sa production. Nos observations sur le discours capitaliste conduira à un questionnement à propos des raisons qui fournissent un attachement significatif à ce que ce discours propose dans notre culture. Afin de sous-tenir une réponse à cette question, je détacherai dans l'œuvre de Lacan la notion de sujet, en soulignant l'importance d'un impossible - la castration - pour sa structuration. Je réfléchirai sur le destin que le discours de la science réserve à cette impossible tel qu'il est pensé par la psychanalyse en arrivant à la notion de forclusion du sujet. Le texte aborde également l'avènement du discours scientifique dans la contemporanéité, ainsi que les effets de son impact sur la constitution du sujet, en montrant qu'il y a une référence à suppression des limites, sans une logique illimitée et, pas conséquence, distincte de la castration. Le travail se termine par l'observation que les sujets ont tendance à se diriger à ces promesses de satisfaction plus intense et interrompue, ce qui pourrait expliquer le succès de l'invitation du discours capitaliste au accès immédiat au bonheur.*

*Mots-clés: Sujet, discours de la science, capitalisme, consumérisme, illimité.*

Não é raro encontrarmos estudos sobre o consumismo cujo enfoque recai sobre o poder do discurso do capitalista na pós-modernidade. Muito já se falou sobre os efeitos do imperativo de consumo perpetrado incessantemente pela economia capitalista e não podemos negligenciar a importância das conclusões a que

essas apreciações chegam. Porém, também é fundamental que investiguemos os motivos para que essa ordem consumista seja tão efusivamente abraçada pelos sujeitos modernos, que pensemos nos aspectos subjetivos que proporcionam essa forte adesão à proposta do consumo. Se, como veremos, nossa sociedade vem sendo caracterizada como uma sociedade de consumo, isso deve ser índice de que o consumismo também responde a uma questão que tem suas raízes no modo como vem se constituindo o sujeito em nossa cultura e deve nos convocar a analisar esse tema em profundidade. Sendo assim, será possível notar que não só o capitalismo altera a nossa relação com os objetos e com o desejo, mas que, na mesma feita, vem servir a uma nova modalidade de sujeito engendrado no ensejo do discurso ilimitado da ciência.

## **O discurso do capitalista e a comercialização do mais-de-gozar**

Falar da pós-modernidade tem sido sinônimo de tratar dos efeitos do capitalismo na cultura. Compartilharemos com Bauman (2009) e Jameson (2002) desse ponto de partida, mas nossa rota almeja ter como ponto de chegada a questão do consumismo via a constituição do sujeito. Para nos aproximarmos do que consiste o discurso do capitalista será necessário retomar a teoria dos discursos de Lacan (1992), na qual quatro letras  $S_1$ ,  $S_2$ ,  $\$$ ,  $a$  – significante-mestre, saber, sujeito barrado e causa do desejo, ocupam quatro posições – agente, outro (ou trabalho), verdade e produção. Essas quatro letras irão se movimentar sempre num quarto de volta por essas quatro posições configurando os discursos do mestre, da histórica, do analista e da universidade, sendo que cada discurso representaria um modo de estabelecer laço social a partir da linguagem.

O primeiro dos discursos – o do mestre – é o que nos interessará por ora, visto que será a partir dele que Lacan deduzirá o discurso do capitalismo. Nesse discurso, o  $S_1$  – significante que representa o sujeito, ocupa o lugar de agente, o lugar de dominância. Já o lugar do trabalho será ocupado pelo saber –  $S_2$ . Logo, quem trabalha – o escravo, será o detentor de saber nesse discurso. Com o trabalho empreendido pelo escravo a partir do comando do

mestre teremos uma produção de saber sobre o trabalho desempenhado, um “saber-fazer” que fica nas mãos do escravo (Souza, A. 2010). Ao dirigir seu imperativo de trabalho ao S2, o significante mestre ganha estatuto de lei que opera sempre no sentido de que tudo funcione a seu gosto. Ainda que esta operação se revele sempre como malsucedida (Lacan, J. 1992), o mestre segue governando, impondo o trabalho aos outros que o cercam, fazendo destes seus escravos.

No trabalho do escravo produz-se um resto, uma sobra entre o que o trabalho do escravo produziu e o que ele recebe, na forma de salário, por essa produção. Sempre verificaremos um excedente em valor – a mais-valia (Marx, K. 1867/1980), quando compararmos o que foi produzido pelo o escravo e o que ele pode gozar disso. Essa sobra é o naco de gozo do trabalhador que ficará retido nas mãos do Senhor (Zizek, S. 1996) e que será sempre buscado através da fruição do salário pelo trabalhador. A busca do trabalhador pela fruição da sua parcela de gozo retida nas mãos do senhor é de natureza metonímica e, portanto, nunca será plenamente realizada.

Observemos que o discurso do mestre se refere a uma relação senhor-escravo antiga na qual o Senhor é visível, localizável por ter alguém que o encarna. Porém, com a modificação do capitalismo para o chamado *capitalismo tardio* dos últimos anos (Jameson, F. 2002), Lacan (1992) observa uma mudança no mestre antigo e delimita outro tipo de discurso que este novo senhor, o senhor moderno, engendra - o discurso do capitalista. Notemos que o discurso do capitalista não deveria ser tratado como mais um discurso além dos quatro supracitados, mas sim como uma forma mais atual de pensarmos o discurso do mestre na qual o escravo passa a ser o proletário e o Senhor não está personificado (Zizek, S. 1996).

Mas, se os paradigmas dos discursos do mestre e do capitalista são os mesmos, o que os distingue? Vimos que a operação

do discurso do mestre traz em sua produção um resto que não é assimilável e que, por seu caráter essencialmente metonímico, seria inevitavelmente uma perda. Essa perda à qual o sujeito não teria acesso direto dentro do discurso do mestre, seria a mais-valia de Marx (1867/1980) e o objeto *a* em Lacan (Chemama, R. 1997). Lacan relaciona essa perda com o mais-de-gozar e faz notar o seu caráter fugidio (2008, p. 40) afirmando que “[...] esta *Mehrlust*<sup>1</sup> de bocha de nós, porque não se sabe onde ela tem seu nicho”. É essa relação com o mais-de-gozar que sofre uma mutação na passagem do discurso do mestre para o do capitalista. A novidade do discurso do capitalista é que ele tem o mapa do nicho do mais-de-gozar nas mãos e esse resto no discurso do capitalista será considerado como possível de ser consumido. Tratando este resto como objeto *a*, Aurélio Souza (2008, p. 159) pondera que “isso que se refere a um ‘objeto’ que se desloca, que desliza e que, por estrutura, é impossível detê-lo ou mesmo apreendê-lo, aqui, no discurso do capitalista, trata-se de um ‘objeto’ acessível”. Encontramos em Baudrillard (1991, p. 207) uma descrição da operação do discurso capitalista na qual podemos identificar o modo como este discurso corporifica o objeto *a*:

[...] assim como as necessidades, os sentimentos, a cultura, o saber, todas as forças próprias do homem acham-se integradas como mercadoria na ordem de produção e se materializam em forças produtivas para serem vendidas, hoje em dia, todos os desejos, os projetos, as exigências, todas as paixões e todas as relações abstraem-se (e se materializam) em signos e em objetos para serem compradas e consumidas.

O discurso do capitalista toma em mãos o ‘objeto’<sup>2</sup> que operava até então como um inacessível estrutural e se propõe a torná-lo acessível e, principalmente, vendável. Assim os objetos de consumo deixam de ser simples objetos a serem negociados e recebem um investimento de mais-gozar pelo discurso do capitalista que lhes confere a aparência de objeto, outrora perdido, agora, a ser reencontrado nas vitrines (Sarti, M. & Tfouni, L.V. 2011). A torção que o discurso do capitalista se pretende capaz é a de promover a mais-valia ao status de causa do desejo (Quinet, A. 1999). Nessa

operação o discurso do capitalista transforma o objeto a num bem de consumo a ser oferecido aos cidadãos do mundo como promessa de completude (Tfouni, L. V. e Tfouni, F. 2008). Se esse ‘objeto’ funcionou durante algum tempo como objeto a ser sempre buscado organizando em torno de si o desejo do sujeito, é de se esperar que esta oferta de consumo subverta o desejo (Chemama, R. 1997).

Para fazer operar essa aproximação entre sujeito e o objeto a, a produção de bens de consumo na era do capitalismo se dedicará a confeccionar objetos cada vez mais capazes de satisfazer os indivíduos. Serão “[...] objetos maravilhosos, capazes, com efeito, de saturar até o esgotamento os orifícios visuais e auditivos” (Melman, C. 2003b, p. 32) e que, por se tornarem um caminho curto e rápido até a satisfação, propiciarão um laço cada vez mais intenso entre o homem e os objetos disponíveis no mercado, o *gadgets*<sup>3</sup> (Quinet, A. 1999; Souza, A. 2008). Esse novo modelo de relação com objetos é, portanto, alimentado pelo discurso do capitalista, o que leva Melman (2003b, p. 181) a afirmar que

[...] é nisso que eu de bom grado diria que o homem novo chegou! Pois sua originalidade, sem precedente histórico, é participar de uma sociedade cujo único traço identitário é suportado por essa comunhão de gozo, a de um objeto doravante disponível para nossa cidade planetária.

Nesse processo de dar consistência ao que falta ao indivíduo, o objeto, que até então se escondia pelas alcovas, vêm à luz ou, como afirma Lacan (2003b), vai ao zênite. Assim, o *mais-de-gozar* que era índice de uma maneira particular, artesanal do sujeito se relacionar com objeto, passa a ser um *mais-de-gozar* industrializado, impingido pelo coletivo e devidamente absorvido pelo indivíduo.

Descrever o funcionamento do discurso do capitalista nos aproxima do entendimento de muitos dos fenômenos que caracterizam a modernidade, mas muitas interrogações permanecem. Se na pós-modernidade a forma lógica desse discurso tem sido extremamente exitosa em seu convite aos shoppings, devemos pensar qual a função que este convite tem diante de cada sujeito. Em outras palavras, é preciso que entendamos o que faz desse convite quase que irrecusável na contemporaneidade, que nos per-

guntemos qual a razão de tanto sucesso da proposta do discurso do capitalista junto aos sujeitos constituídos na pós-modernidade. Para tanto, será preciso delimitar o conceito de sujeito da psicanálise para, em seguida, investigar os efeitos da pós-modernidade sobre a sua estrutura.

## O sujeito da psicanálise em suas relações com a linguagem

Ao evocar o conceito de sujeito, me refiro ao sujeito da psicanálise – sujeito do inconsciente, e refaço aqui o caminho percorrido por Lacan para tratar dessa questão retomando as reflexões do cogito de Descartes. Essa trajetória se justifica pelo papel inaugural que Descartes e seu cogito ocupam diante da ciência moderna e, mais especificamente, na delimitação do sujeito da ciência, que, como veremos, é um ponto seminal para o nascimento do sujeito da psicanálise.

Tentando delimitar a noção de sujeito da ciência, Descartes taxa todas as qualidades sensíveis como passíveis de serem postas em dúvida e, portanto, inúteis como pistas no caminho para a verdade (Koyré, A. 2006). Trilhando este caminho Descartes elimina todo traço ou característica, fazendo restar como único ponto de verdade o próprio pensar. Dessa filtragem rigorosa proposta por Descartes o que resta é somente a pura atividade de pensar como índice irrevogável da existência de um sujeito, conclusão que fora sintetizada no aforismo “penso, logo, existo”. Mas o pensar só será considerado esse índice de uma certeza quando esvaziado de qualquer predicado, quando desbastado de toda característica. Esse “pensamento sem qualidades” (Milner, J-C. 1996, p. 34) seria o lugar do conhecimento, índice de um sujeito, enquanto que tudo o mais que se encontrar ao redor disso em camadas mais superficiais seria incerto. Tudo o que se refere ao conteúdo do pensamento manifesto o cogito cartesiano considera revogável e nesse conjunto de pensamentos podemos incluir a consciência de si. Esta, a partir de Descartes, deixa de ter caráter essencial e de ser uma propriedade constitutiva do sujeito para ser vista como um elemento que obnubila nossa capacidade de conhecer o verdadeiro. É submetido a essa filtragem que o sujeito da ciência se

constitui: “ele não tem nem Si, nem reflexividade, nem consciência” (Milner, J-C. 1996, p. 33).

São as exigências da ciência que tornam possível não mais conferir um papel central à consciência – à consciência de si em especial, para a existência de um sujeito. A desvinculação entre consciência de si e sujeito já anuncia em quê o sujeito cartesiano se assemelha ao sujeito freudiano, pois seguindo a trilha deixada por Descartes, Freud (1923/1996f) também observa que esse território mais superficial e prenhe de qualidades é tradicionalmente abordado pela filosofia como sendo equivalente ao sujeito. Diante disso, Freud propõe que consideremos essa superfície como um dos pólos que compõe essa estrutura mais complexa chamada sujeito e trata desse pólo como sendo o eu. Porém, o eu não só deixa de corresponder ao sujeito como também é destituído do posto de comandante dessa estrutura para ser rebaixado a “uma pobre criatura” (Freud, S. 1923/1996f, p. 68) que deve serviços e é ameaçado por três senhores: o mundo externo, a libido do isso e a severidade do supereu.

Ao desprover o pensamento de predicados, e ao fixar um ponto de ancoragem num além da consciência, a ciência criou condições favoráveis para o aparecimento da noção de sujeito da psicanálise, este sujeito que “[...] não poderia, de maneira nenhuma, estar situado de uma maneira exaustiva na consciência, posto que ele é de início e primitivamente inconsciente” (Lacan, J. 2005a, p. 94). Dito de outra forma, foi através da operação da ciência moderna que se tornou possível conceber a questão do sujeito em contraposição a uma idéia egocentrista de totalidade e de núcleo.

Se o sujeito freudiano se assenta sobre o mesmo terreno que o sujeito cartesiano, Freud deu um passo adiante nessa discussão ao formalizar uma teoria que versa sobre os efeitos desse pensamento – o inconsciente, a partir do encontro com esses efeitos na sua prática clínica. Lacan (1998e, p. 47) afirma que, diante dos sintomas mais estranhos e fora do controle de seus pacientes, a posição de Freud era sempre no sentido de apontar que “[...] aqui no campo do sonho, estás em casa”. Desde então a existência dessa modalidade de pensamento é sinal da existência do sujeito que interessa à psicanálise – o sujeito do inconsciente.

Milner (1996) e Koyré (2006), através de Lacan, nos forneceram até aqui alguns fundamentos que nos possibilitam distinguir o sujeito da ciência e o da psicanálise do eu. Mas o que podemos afirmar especificamente sobre o sujeito da psicanálise? A afirmação “no começo, era o Verbo” extraída da Bíblia por Lacan (2005b, p. 77) anuncia a condição desse sujeito acometido pela linguagem, e, portanto, partiremos da premissa de que é preciso considerar a importante incidência do significante na constituição do sujeito. É o significante que faz nascer o sujeito e, por conta dessa incidência, esse sujeito terá seu funcionamento pautado pela estrutura da linguagem. Para compreendermos como a linguagem patrocina o surgimento do sujeito e as marcas que ela imprime em seu modo de funcionar, será preciso nos determos sobre a linguagem e suas leis.

Recorrendo aos princípios da linguística de Saussure, Lacan (1998b, p. 500) visualiza uma estrutura da linguagem a partir da separação entre significante e significado que, com isso, seriam “[...] ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação”. Entre significante e significado haveria um descompasso estrutural que se manteria e perpetuaria o encadeamento de mais significantes na expectativa, sempre frustrada, de dar conta do significado. Nesse incessante encadeamento entre os significantes, podemos, com Lacan (2003b), dizer que um sujeito é o que um significante representa para outro significante. A partir dessas leis da linguagem o sujeito se estrutura de um modo que o localiza entre dois significantes (Lacan, J. 1998b), nos “desvãos” (Vieira, M. A. 2008, p. 56) e que o aproxima mais do intervalo, do furo do que da substância. As leis da linguagem impõem e patrocina um contorcionismo que enquadram o aparecimento da verdade do sujeito nas entrelinhas do discurso, “entre as palavras” (Vieira, M. A. 2008b, p. 56).

Essa lacuna, esse furo estrutural da linguagem que se mantém através dessa rede de significantes que vai se encadeando, engendra um determinado funcionamento de sujeito: um sujeito que porta uma verdade, mas que dela só tem notícias de maneira tortuosa e meio-dita, sempre impossível de ser toda incluída no discurso (Lacan, J. 2003a e Orlandi, E. P. 2009). Tratamos aqui de uma lacuna estrutural que sustenta e define a estrutura em questão (Vieira, M. A. 2008 e Orlandi, E. P. 1996). Assim, esse vazio não

deve ser entendido como lacuna que faz da estrutura algo incompleto, mas como furo que define a estrutura e que, sendo extirpado, faz com que esta composição seja outra que não a anterior. Devido a esse buraco que é a própria estrutura, o sujeito se encontrará numa posição de extimidade<sup>4</sup> com sua verdade, com seu desejo, constituindo-se como um sujeito dividido que só pode se realizar como uma “[...] metonímia de seu ser [...]” (Souza, A. 2010, p. 2). Mais adiante veremos que esta incompletude estrutural da verdade do sujeito será um importante ponto a ser contrastado com o saber total que a ciência tanto almeja.

Foi Freud quem nos revelou a incidência de um saber tal que, ao se subtrair a consciência, nem por isso deixa de se denotar estruturado, digo eu, como uma linguagem; mas articulado a partir de onde? Talvez de parte alguma em que seja articulável, já que é apenas um ponto de falta, impensável de outra maneira que não através dos efeitos pelos quais é marcado, e que torna precário que alguém se entenda dele (Lacan, J. 2003b, p. 423).

Em seu retorno aos fundamentos freudianos, Lacan (1997) também insiste na inexistência de qualidades no sujeito da psicanálise. Isso fica especialmente evidente em seu seminário sobre a ética quando Lacan utiliza a metáfora do oleiro para dizer que se comumente pensamos que a causa material deste objeto seria o próprio material, isto é, o barro, a cerâmica que é utilizada ali; para a psicanálise a causa material seria o vazio, o buraco (Lacan, J. 1997). É o vazio do vaso que introduz a perspectiva de ser preenchido, causando a borda, o entorno material. O sujeito para Lacan seria tal como esse vazio, esse nihil (Lacan, J. 1997), em torno do qual a cadeia significante é bordada.

O sujeito da psicanálise se apresenta como hiância, como *Spaltung*<sup>5</sup> esvaziada de imaginário que só ganha algum corpo quando encarnado pelo significante. Percebemos que o corpo, a unidade é posterior, é consequência desse movimento de sujeito de dar contornos ao que é ruptura. É a existência dessa fissura primordial que causa a necessidade desse constante encadeamento de significantes, que, conseqüentemente, dá estofa ao eu, confere um aspecto uno ao nosso corpo, “pois esse eu, [...] só funciona reves-

tindo o deslocamento que é o sujeito de uma resistência essencial ao discurso como tal” (Lacan, J. 1998b, p. 524). Construímos nosso corpo através de uma operação, na qual o imaginário recobre o real vestindo-o com uma imagem e dando liga aos feixes caóticos da pulsão. Porém, quando esta operação falta, ou a unidade desvanece (Vieira, M. A. 2008), ou será preciso buscar meios alternativos para a constituição desse nosso suposto continente imaginário.

A marca impressa por esse furo e a sua manutenção num infinito sempre a ser alcançado, organiza todos os pequenos fragmentos do eu, unifica todo esse corpo originariamente parcial e o singulariza promovendo uma identificação do indivíduo com o corpo. Essa bricolagem não é nem formada e nem estabilizada pela junção das partes, ela é mais do que a soma delas (Vieira, M. A. 1999).

É sobre o sujeito que a psicanálise se interroga e é a ele que a psicanálise desde Freud escolheu dar lugar. A psicanálise reconhece a insuficiência própria à estrutura significante de responder, em termos de significação, a tudo o que seja do campo do sujeito e, deste modo, todo o contorno que se possa conferir ao sujeito sempre deixará algo de fora. Sempre sobrarão algo não processável e isso que é irreduzível e não cabe em nenhuma formação significante funciona como força motriz que impulsiona todo o trabalho de tentativa de significação. É pautada por essa inconsistência própria da estrutura que se constitui a psicanálise e é esse vazio que ocupa para a psicanálise a posição de verdade, o que faz da psicanálise um sistema incompleto que se alicerça justamente nesse vazio. Mais do que estar ciente desse fora de sentido inerente à estrutura da linguagem, a psicanálise se interessa por isso que resta porque é isso que agita, inquieta e anima o sujeito.

Porém, ao falar das mudanças que caracterizam a pós-modernidade, bem como de seus efeitos na constituição dos sujeitos, Lacan chama a nossa atenção para o advento do discurso científico e para a sua “forma galopante de sua imissão em nosso mundo” (Lacan, J. 1998a, p. 870). Ao abordarmos o discurso científico observaremos as marcas que a ciência imprime no social, mas, por enquanto, indicaremos que Lebrun (2004) e Melman (2003a, 2003b) apontam que o modo de pensar da ciência invadiu o social e que,

com essa invasão, o modo como se estrutura o sujeito na nossa cultura passou a ter elementos novos que precisam ser levados em conta.

## **A forma lógica do discurso científico e sua imissão na cultura**

Tendo circunscrito a noção de sujeito da psicanálise é possível avançar na reflexão sobre o destino que lhe reserva a ciência e, para isso, lançaremos mão de Alexandre Koyré (1991 e 2006) como nosso guia, tal como ele o foi para Lacan no entendimento dos fundamentos da ciência moderna, aproveitando também a leitura de J.C. Milner (1996) sobre o tema. Depois de abordarmos a ciência moderna, poderemos refletir sobre o lugar do sujeito da psicanálise dentro do discurso da ciência.

A ciência moderna tem a matemática como linguagem suprema (Koyré, A. 2006), mas somente a partir de determinada concepção de mundo é que a matemática poderá ocupar tal lugar neste. Este mundo não pode ser o mundo aristotélico, já que o mundo de Aristóteles seria um mundo impreciso e qualitativo, o que inviabilizaria seu entendimento a partir da matemática. O platonismo antigo também não se harmoniza com esta proposta na medida em que a realidade seria uma cópia das figuras geométricas, porém uma cópia imperfeita. Galileu parte das idéias de Platão, mas as ultrapassa ao extinguir a distância entre as figuras geométricas e o mundo real afirmando que Deus construiu o mundo em linguagem matemática.

Galileu talvez seja o primeiro espírito a acreditar que as formas matemáticas eram efetivamente realizadas no mundo. Tudo o que existe no mundo está submetido à forma geométrica; todos os movimentos são submetidos a leis matemáticas, não só os movimentos regulares e as formas regulares que, talvez, sejam absolutamente inexistentes na natureza, mas também as formas irregulares (Koyré, A. 1991, p. 54).

Nisso consiste o corte histórico entre ciência antiga e moderna, isto é, nessa mudança radical de postulado que determina

que não há mais ‘natureza dos corpos’ e que só há a matemática como causa do universo e de tudo o que nele for encontrado. Isso é o que a ciência moderna tem de moderno, essa “redução do real ao geométrico” (Koyré, A. 1991, p. 53), e é nisso que ela ultrapassa os limites que separam ciência medieval e modernidade<sup>6</sup>.

A partir da concepção de um universo matematicamente ordenado, o cientista moderno se coloca em posição de observar os fenômenos e, partindo do postulado de que esses fenômenos são regidos matematicamente, extrair-lhes as leis. Dizer que a lei é extraída do real faz notar que a posição da ciência moderna diante do real não corresponde à formulação de uma teoria, de uma hipótese matemática sobre ele porque essas leis comporiam a natureza e, por isso, não seriam hipóteses ou induções. A ciência moderna não se posiciona de maneira a fazer induções sobre o real<sup>7</sup>, mas sim alcançar a lei que rege o fenômeno.

Retomando o que já pudemos recolher sobre a ciência moderna já é possível arrazoar que o universo na ciência moderna contém leis e estrutura acessíveis ao homem naturalmente, isto é, já contém um saber restando ao cientista como sujeito no processo de produção do saber científico desenterrar, tal como um arqueólogo, esse saber que já existiria muito antes que dele alguém se ocupasse (Cougo, R. 2011). Isso leva Lacan (1998c, p. 132) a afirmar que

[...] é preciso levar em conta o real. Ou seja, aquilo que se destaca da nossa experiência do saber: existe saber no real. Ainda que, este, não seja o analista que tem que alojá-lo, mas sim o cientista.

Trata-se de uma exigência básica para se fazer ciência: o saber no real é fato. Mas é válido que abordemos a ambiguidade que esta frase de Lacan carrega. O verbo “alojar”<sup>8</sup> escolhido pelo autor possibilita que se abra a questão se, em verdade, o cientista atribuiria - no sentido de acrescentar, saber ao real. Se optarmos por uma leitura que, como fez Lacan, sintoniza-se com a de Koyré devemos entender que, por supor de saída que ali, no real, há saber, o cientista termina por encontrá-lo.

Se a psicanálise observa a existência de um vazio que não é

articulável e que funciona como *gap*<sup>9</sup> entre causa e efeito (Lacan, J. 1997), a ciência não conceberá a existência desse vazio. Vimos que esse vazio estrutural exerce a função de causa e seria o endereço do sujeito da psicanálise. Como este vazio encontra-se obturado na ciência, podemos concluir que não haverá lugar para o sujeito no discurso científico. Uma *Weltanschauung*<sup>10</sup> (Freud, S. 1996e) que parte do postulado de que o livro do universo está escrito em língua matemática (Galilei, G. 1623/1996) concebe um universo totalmente teorizável. Se todo o campo empírico é matema e tem leis e estrutura acessíveis, não existe vazio algum, nenhum ponto cego que represente um limite para o saber da ciência. Isso implica que, se na antiguidade o mundo era prenhe de mistérios e continha pontos sobre os quais seria impossível saber, o discurso da ciência formula um mundo no qual o saber não tem fronteiras.

Onde a psicanálise localiza uma lacuna que funciona como causa, a ciência moderna introduz uma fórmula universal e, a partir disso, esse vazio que até então era inarticulável passa a integrar a equação como uma variável, como algo passível de ser calculado. Essa posição da ciência levou Lacan a afirmar que quando o assunto é sujeito, “[...] da verdade como causa, ela (a ciência) não-quer-saber-nada. Reconhece-se aí a formulação que dou da *Verwerfung* ou *foraclusão* [...]” (Lacan, J. 1998a, p. 889).

Não devemos pensar que a escolha de Lacan pelo mecanismo da *foraclusão* para falar da ação da ciência sobre o sujeito tenha sido aleatória. Esse tratamento radical que Freud (1996c, p. 56) delineou como mecanismo concernente à psicose e chamou de *Verwerfung*, enquanto Lacan (2002, p. 360) propôs que nos remetêssemos a essa operação como *foraclusão*, confere à representação *foracluída* o estatuto de “non-arrivé”<sup>11</sup>. Isso implica que a ciência não nega o sujeito, não o ignora ou é ambivalente com relação a ele porque na ciência o sujeito nunca existiu. Escolher a *foraclusão* para designar a operação da ciência sobre o sujeito aponta para um radical mecanismo de “supressão do sujeito” (Lacan, J. 2003b, p. 436), afinal, a *foraclusão* vai além de uma expulsão, é a não existência do que foi *foracluído*, é, nas palavras de Freud (1996c, p. 64) “[...] como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido”.

Se a forclusão do sujeito e, conseqüentemente, o saber ilimitado são premissas do discurso científico, devemos refletir sobre o lugar que vem sendo dado à ciência na contemporaneidade e as repercussões dessa configuração cultural para a constituição do sujeito. O discurso científico incide sobre o sujeito através da cultura, logo, será constituindo uma nova configuração cultural que a ciência enviará a sua mensagem até o sujeito. Não nos restam dúvidas de que a construção do sintoma, isto é, a escolha por um modo de gozo é de âmbito individual e responsabilidade de cada sujeito. Entretanto, com a luz trazida pelos estudos de Freud (1929/1996d) sobre a conexão existente entre as realizações psíquicas dos indivíduos e as sociedades nas quais eles se encontram imersos, estamos advertidos de que a constituição do sujeito não se dá de maneira isolada da cultura na qual ele está inserido. A cultura funciona como um baú no qual está disponível um variado, porém finito, conjunto de alternativas possíveis para que o sujeito pince a sua eleita. Essa escolha do sujeito por um modo de satisfação pulsional se dá, portanto, dentro de um leque de opções possíveis determinado pela cultura (Freud, S. 1921/1996g).

Lacan (1998d) avança nesse interesse pelo papel da cultura na constituição do sujeito e conclui, a partir de Freud, que o sujeito é marcado não apenas pelo romance familiar<sup>12</sup>, mas também pelas representações sociais e pela história. Partindo desse interesse pela sociedade contemporânea, Lacan (1998a, p. 870) observa uma rápida e forte propagação do discurso científico em nossa sociedade e insiste em sublinhar os possíveis efeitos dessa nova configuração social. A contemporaneidade seria marcada pelo advento de uma civilização organizada em torno da ciência (Lacan, J. 1985), e, para pensarmos de que maneira essa imissão da ciência na cultura incide sobre o sujeito na contemporaneidade, primeiramente nos deteremos sobre o processo de constituição do sujeito a partir da castração. Nosso foco será o caráter organizador dessa falta que, ao se inscrever, funciona como eixo gravitacional (Melman, C. 2003b) em torno do qual o sujeito vai se mover durante a vida.

Freud (1924/1996a) insistiu na importância do que ele nomeou como “complexo de Édipo” no decorrer da sua obra por se tratar do momento no qual a criança organiza a sua relação com o

mundo interior – suas representações psíquicas, bem como com o mundo ao seu redor. Nesse processo a figura do pai é essencial, pois a ele cabe a função de castrar mãe e filho, isto é, interromper o gozo da relação incestuosa. A partir dessa interdição a criança passa a relacionar o que falta a ela com isso que interveio e interdito e, daí por diante, a vida do sujeito será uma alternância entre satisfação e exigência de satisfação, sendo que a satisfação e o poder estarão relacionados ao falo (Freud, S. 1920/1996b; Vieira, M. A. 2008). A potência total, o gozo absoluto e ininterrupto, a partir da instauração da lógica fálica, estarão inviabilizados porque o objeto que prometeria esta satisfação é interdito no Édipo e localizado como sendo da alçada do Pai. Será em torno desse interdito que o sujeito irá gravitar no decorrer da vida.

Falar da castração como instauração de uma falta que será a força motriz para as realizações do sujeito, nos aproxima do conceito de objeto a cunhado por Lacan. Este conceito não se refere a qualquer objeto palpável ou apreensível, pelo contrário, ele se refere à ausência primordial de um objeto que sature a lacuna constituinte do sujeito. Por ser sempre fugidío e sem consistência, o objeto a causa o sujeito, mantendo a sua busca por um encaixe almejado, mas nunca alcançado.

A forma lógica de funcionamento da castração já nos parecerá neste ponto como sendo muito diferente do modo de operar da ciência, pois ao afirmar que o universo é infinito e infinitamente matemático, a ciência não concebe qualquer interdito para suas fórmulas. A partir dela, tudo é possível de ser equacionado visto que não há qualquer tipo de lacuna que impeça a previsão do efeito diante da causa. Tal posição discursiva da ciência tem ganhado vulto na contemporaneidade trazendo consigo a mensagem de que não há limites. É como se ao abolir o impossível do universo, a ciência tivesse criado um mundo em que se acredita que não há impossíveis (Vieira, M. A. 2008). No imaginário sócio-cultural atual regido pelo discurso científico a questão da finitude e do limite não encontrará espaço, pois, ao contrário do social castrador descrito em “O mal-estar na civilização” (Freud, S. 1929/1996d), no social regido pela ciência tudo é permitido.

Ao foracluir o sujeito, a ciência instaura uma cultura que se pretende sem brechas e sem impossíveis e que se organiza no sentido de alcançá-los. Mercado, relações, lazer, tudo deverá ser configurado no sentido de não provocar interrupções, de oferecer sempre mais. Diante dessa cultura estruturada sob a regência do discurso científico “é preciso perceber que não se pode mais contar com o cansaço do Outro para interromper a dança” (Vieira, M. A. 2008, p. 104) porque esse Outro de tempos atrás que intervinha interditando mudou e põe à disposição as mais variadas invenções que são capazes de tornar essa dança ilimitada.

Acompanhamos, por isso, as considerações de Bauman (2009) que caracterizam a contemporaneidade com sendo composta por sujeitos cuja consistência será efêmera e precisará ser refeita com mais intensidade e frequência do que antes. Vivemos uma exigência ininterrupta de consistência na sociedade líquido-moderna e o gozo fálico – parcial, sempre portando um interdito - não atenderá as demandas dessa sociedade que encaminhará seus pedidos a outras instâncias, essas sim, capazes de responder prontamente. Disso decorre o encantamento do sujeito pós-moderno pela proposta do discurso do capitalista. Se o discurso capitalista, por um lado, oferece objetos totais, cada vez menos parciais; o sujeito constituído numa sociedade cientificista, por outro, busca exatamente essa completude. Assim, o discurso capitalista vem a servir, nem que seja sob a forma de um engodo, aos anseios desmedidos dos sujeitos constituídos numa cultura do ilimitado.

Identificando no que o discurso do capitalista vem a responder diante dos integrantes da nossa cultura, já ficamos mais próximos de entender a função que o consumo pode vir a desempenhar na contemporaneidade.

## **O consumismo: o supérfluo e o ilimitado**

A ausência de limites propagada em nossa cultura pelo discurso científico encontra, portanto, no discurso do capitalista o parceiro ideal para a busca pela totalidade, pela ausência da falta. Nessa busca, cada indivíduo poderá, sem muita dificuldade, encontrar no forte apelo do discurso do capitalista uma jura

de completude de sua existência via o consumo. Essa demanda que chega ao mercado - uma demanda que terá suas origens no modo como se constituiu o sujeito - dará novos contornos ao consumo que, outrora, podia ser localizado como um “[...] aspecto fundamental de qualquer sociedade” (Barbosa, L. 2008, p. 14) e atualmente definirá a nossa sociedade como uma sociedade de consumo (Barbosa, L. 2008, Baudrillard, J. 1991). No entanto, será preciso circunscrever o significado do termo “consumismo” evocado aqui. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa elenca três acepções possíveis para a palavra “consumismo”, mas, por ora, trataremos aquela que nos interessa: trata-se do consumismo como “consumo ilimitado de bens duráveis, esp. artigos supérfluos” (grifo nosso). Nessa definição já há a menção de dois pontos a partir dos quais nos guiaremos para pensar o consumismo: a inutilidade do que é consumido e um caráter ilimitado dessa ação.

## Conclusão

O objeto oferecido e consumido na sociedade de consumo será inicialmente inútil, desnecessário. São objetos que não prestam para alimentar, para proteger do frio ou do calor e não têm seu valor pautado por qualquer outro tipo de necessidade que se possa pensar. Como vimos anteriormente, será agregando a este objeto supérfluo um sentido – função do discurso do capitalista por excelência, que o mercado o transformará em objeto-significante. Assim, o consumo, tal como Baudrillard (1991, p. 211) nos esclarece se configura como “[...] uma prática idealista total que nada mais tem a ver (além de um certo limiar) nem com a satisfação de necessidades nem com o princípio de realidade”. Não há no objeto adquirido uma utilidade específica, mas ele servirá para o sujeito foracuído por ser vendido como promessa de consistência. No entanto, o que se vê rotineiramente é que essa consistência não sossega. O objeto, tão logo saia da vitrine, já perderá grande cota da carga de desejo que lhe foi incutida e, mais rápido do que se possa imaginar, será tachado de *demodée* para, em seguida, ser descartado. Disso decorre o curto tempo de vida útil que os objetos de consumo possuem em nossa sociedade e o caráter ilimitado que o conservamos nos hábitos consumistas.

Na “síndrome consumista” (Bauman, Z. 2009, p. 83) o con-

sumo sempre necessitará ser renovado porque o mercado, muito rapidamente, atualizará a promessa de que seus novos objetos serão sempre 'mais': mais modernos, mais aprimorados, mais potentes, mais satisfatórios que os anteriores (Souza, A. 2010). O mercado assim o faz porque precisa da manutenção da nossa insatisfação, ou seja, precisa que compremos suas mercadorias para escoar a produção, independentemente da real necessidade destas. Mas se esta é a lógica do mercado, já podemos concluir sobre o que há nesse funcionamento que nos captura: a crença instalada em cada sujeito pelo discurso científico de que não é necessário ter limites. Nessa nova configuração subjetiva, o sujeito estará diante de uma permanente incitação ao acesso direto à felicidade (Baudrillard, J. 1991) que, segundo o mercado, estará na próxima mercadoria adquirida. Esse caráter ilimitado do consumismo “[...] destronou a duração, promoveu a transitoriedade e colocou o valor da novidade acima do valor da permanência” (Bauman, Z. 2009, p. 83).

Essa tendência ao ilimitado inaugurado pelo discurso da ciência e alimentado pelo discurso do capitalista inventa um sujeito “[...] determinado-a-ser-feliz [...]” (Baudrillard, J. 1991, p.119) um maratonista que se esfalfa na “[...] corrida pelo gozo [...]” (Melman, C. 2003b, p. 173), submetido e sujeitado a essa busca sem descanso por um objeto de consumo que lhe confirme a todo instante o seu tônus (Melman, C. 2003b; Chemama, R. 1997). Essa tentativa de consistir através das imagens que o mercado não cansa de ofertar resulta, entre outras consequências, em um consumismo ilimitado que reflete a busca pelo que se é afinal e que delineará como traço identitário do sujeito não mais a organização em torno de algo que falta, mas pela presença acessível do objeto de gozo (Melman, C. 2003b; Chemama, R. 1997).

## Notas

- 1 Traduzido como mais-de-gozar. (Lacan, J. 1992, p. 48.)
- 2 Tal como faz Aurélio Souza (2008), sigo colocando aspas na palavra objeto quando estiver me referindo ao objeto a para sublinhar que mais do que um objeto concreto, palpável, este conceito se refere a uma função. Ver

- também Melman (2003b).
- 3 Dispositivo mecânico ou eletrônico, aparelho, equipamento eletrônico (em geral pequeno e moderno)
  - 4 A palavra *extimidade* foi inventada por Lacan para dar conta dessa ambígua relação do sujeito com o que lhe é mais íntimo, mas que lhe escapa (Lacan, J. 1997).
  - 5 Termo alemão que poderia ser traduzido como fenda, fresta, fissura, racha (Lacan, J. 1998a, p. 869).
  - 6 Esta é uma definição epistemológica de modernidade que tem os autores aqui citados como referência, existindo muito outras diferentes desta.
  - 7 “Hypotheses non figo” - traduzido como ‘eu não imagino hipóteses’ (Newton apud Koyré, A. 2006, p. 202)
  - 8 “Loger” no original em francês.
  - 9 Abertura, fenda, brecha, fissura, intervalo em livre tradução do inglês.
  - 10 “Visão de mundo”, em livre tradução do alemão.
  - 11 “Não-acontecido”, em livre tradução. Aquilo que nunca existiu.
  - 12 Expressão de Freud (1909/1996h), que trata do curso do desenvolvimento psíquico da criança a partir da relação deste com o casal parental

## Referências bibliográficas

- Barbosa, L. (2008). *Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Baudrillard, J. (1991). *A Sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2009). *Vida líquida* (2ª ed.). Rio de Janeiro:

- Jorge Zahar Ed.
- Chemama, R. (1997). Um sujeito para o objeto. In: R. Goldenberg (Org.), *Goza!: Capitalismo, globalização e psicanálise* (pp. 23-39). Salvador: Ágalma.
- Cougo, R. (2011). Sobre a produção do conhecimento científico - interfaces nas reflexões da análise do discurso e da psicanálise. In: *Revista Querubim*, v. 13, p. 96-101. Disponível em: [http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/publicacoes/zquerubim\\_14.pdf](http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/publicacoes/zquerubim_14.pdf). Acessos em jul. 2011,
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Retrived 16, october, 2010.
- Freud, S. (1996a). A dissolução do complexo de Édipo (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (1996b). Além do princípio de prazer (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1996c). As neuropsicoses de defesa (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1894).
- Freud, S. (1996d). Mal-estar na civilização (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).
- Freud, S. (1996e). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise – Conferência XXXV: A questão de uma

- Weltanschauung (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933).
- Freud, S. (1996f). O ego e o id (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1996g). Psicologia de grupo e análise do ego (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (1996h). Romances familiares (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1909).
- Galilei, G. (1996). O Ensaaiador. In: Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, (Originalmente publicado em 1623).
- Jameson, F. (2002). Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio (2ª ed.). São Paulo: Ática.
- Koyré, A. (1991) Estudos da História do Pensamento Científico (2ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Koyré, A. (2006). Do mundo fechado ao universo infinito (4ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Lacan, J. (1985) El acto psicoanalítico. [CD-ROM]. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires.
- Lacan, J. (1992). O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1997). O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Lacan, J. (1998a). A ciência e a verdade. In J. Lacan, Escritos (pp.869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998b). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan, Escritos (pp.496-536). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998c). A nota italiana. In J. Lacan, Escritos (pp.496-536). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Lacan, J. (1998d). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, Escritos (pp.238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998e). O Seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2002). O Seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2003a). O aturdido. In J. Lacan, Outros escritos (pp.448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2003b). Radiofonia. In J. Lacan, Outros escritos (pp.400-447). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2005a). O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2005b). O Triunfo da religião. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2008). O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lebrun, J-P. (2004). Um mundo sem limites: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Lustoza, R. Z. (2006). A angústia como sinal do desejo do Outro. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 6, n. 1, mar. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482006000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 13 jan. 2011.
- Marx, K. (1980). *O Capital* (Livro 1, v. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Originalmente publicado em 1867)
- Melman, C. (2003a). *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Melman, C. (2003b). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Milner, J. C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Orlandi, E. P. (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Orlandi, E. P. (2009). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Quinet, A. (1999). *A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade*. Retrived 28 october, 2010, from [http://lacanian.memory.online.fr/AQuinet\\_Ciencia.htm](http://lacanian.memory.online.fr/AQuinet_Ciencia.htm).
- Sarti, M; Tfouni, L.V. (2011). *Por uma língua-objeto: o avesso do gozo na cultura de consumo*. *Ágora (PPGTP/UFRJ)*. No prelo.
- Souza, A. (2008). *Os discursos da psicanálise*. Rio de janeiro: Cia de Freud.
- Souza, A. (2010). *A psicanálise de hoje: o cansaço do sexo*. *Revista Cogito*. Retrived 27 , october, 2010 from [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792007000100007&lng=pt&nrm](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792007000100007&lng=pt&nrm)

=iso.

- Tfouni, L.V.; Tfouni, F. (2008). Reificação, subjetivação e fetichismo. In: Discurso midiático: sentido de memória e arquivo (pp. 83-93). São Carlos: Pedro & João Editores.
- Vieira, M. A. (1999). Cogitações sobre o furo. Revista *Ágora*. Rio de Janeiro, v. 2, 43-52.
- Vieira, M. A. (2008). Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Zizek, S. (1996). Como Marx inventou o sintoma? In: S. Zizek (org.), *Um mapa da ideologia* (pp. 297 – 331). Rio de Janeiro: Contraponto.

---

*Recebido em 09 de Junho de 2010*

*Aceito em 20 de Julho de 2011*

*Revisado em 30 de Agosto de 2011*